



**Relações de trabalho no ambiente policial
- Uma análise crítica do filme “Marcados para Morrer”**

INTRODUÇÃO

Trata-se de um filme norte-americano (“End of Watch”), lançado em 2012, por David Ayer (escritor e diretor norte-americano). Considerado gênero policial, o filme retrata a dinâmica da atividade do policial de rua em ação. Evidencia-se que o policial de linha, durante o exercício da profissão, tem que lidar com as mais variadas ocorrências e que, devido à urgência que muitas vezes a ocasião solicita, torna-se impossível exigir deste profissional que sempre aguarde ordem de comando ou se detenha tão-somente na prescrição legal.

É neste sentido, aliás, que Batitucci (2011), ao analisar o modelo profissional burocrático de policiamento, como instrumento para fazer a atividade policial estar cada vez mais pautada na lei e na ordem de comando, entende ser inviável a aplicação desse modelo com plenitude, posto que a discricionariedade é uma característica da atividade do policial de linha sempre presente, exigindo, muitas vezes, reação imediata e nem sempre conforme prescrição legal. Na verdade, as atividades de implementação da lei correspondem a apenas uma pequena parte das tarefas do policial de linha.

O que se propõe neste trabalho é analisar, por meio de cenas destacadas do filme, essa relação de trabalho na atividade policial, destacando a divisão de trabalho, a alta discricionariedade da atividade do policial na linha de frente, assim como o inevitável estresse decorrente da função exercida, face o perigo por ele enfrentado cotidianamente.

SOBRE O ENREDO DO FILME

Jake Gyllenhaal e Michael Peña vivem Brian Taylor e Miguel Zavala, dois policiais que patrulham pelas ruas de um bairro pobre de South Central – Los Angeles, deparando-se com pequenos e grandes crimes, dos mais variados tipos, e imersos em meio a um conflito entre gangues rivais pelo domínio do lugar, para venda de drogas e de armas.



Nas diligências realizadas, os policiais interceptam diversas vezes ações de uma gangue mexicana violenta que aterroriza a região: seja apreendendo armas, seja recolhendo drogas e, mesmo, encontrando pessoas enjauladas, corpos mutilados ou crianças amarradas no interior de residências, etc.

Em meio a esta dinâmica policial, o filme evidencia também a profunda amizade de Taylor e Zavala, parceiros na profissão e na vida pessoal. Esta relação é mostrada, geralmente, nas conversas entre eles durante as suas patrulhas, já que são muito poucas as cenas que mostram a vida pessoal dos protagonistas fora do cenário policial.

Devido à intensa repressão ao crime na localidade em que atua, atingindo sobremaneira as práticas delitivas da gangue mexicana, a dupla de policiais passou a ser alvo dessa quadrilha. Mesmo sendo avisada dessa situação por um membro da polícia e, inclusive, por integrante da gangue rival, a dupla seguiu destemida agindo com sua função policial.

Em mais um dia de trabalho, Taylor e Zavala são atraídos a perseguir um suspeito, que adentra em um conjunto habitacional. Na verdade, se tratava de uma emboscada planejada pela gangue mexicana. São recebidos a tiros, mas os dois policiais conseguem, de dentro de um quarto, chamar reforço por telefone, já que o rádio que portavam estava sem sinal. Enquanto aguardam reforço, os policiais conseguem sair do conjunto; porém, como já havia integrante da gangue por toda a área, Taylor é atingido e fica desacordado. Enquanto Zavala lamenta pela eminente morte do amigo, é alvejado pelas costas com diversos tiros. Finalmente, o reforço policial chega e, em meio a uma troca de tiros, mata todos os membros da gangue que estavam na emboscada.

Todo o enredo deste filme é apresentado por um dos personagens, Taylor, estudante do Curso de Direito, que precisa cursar uma disciplina eletiva em artes, e escolheu Cinema. Como trabalho da disciplina, resolve pôr uma câmera no bolso dele e de seu parceiro, e, em algumas ocorrências, faz filmagens com uma câmera grande, o que traz uma dinâmica e veracidade alucinante ao filme, já que mistura câmera na mão com a visão subjetiva de um personagem filmando, dando ao filme uma sensação de movimento permanente. A câmera, assim, é praticamente um personagem da produção.

ABORDAGEM CRÍTICA DO FILME:

“Marcados para morrer” apresenta a dinâmica do policial de rua em ação, mostrada em situações extremas que são capazes de exprimir com intensidade os elementos constitutivos da atividade policial.

TELA CRÍTICA

Revista de Sociologia e Cinema



No início da narrativa fílmica, enquanto a dupla de policiais protagonistas está em perseguição a um fugitivo pelas ruas de South Central – Los Angeles, Taylor anuncia, como uma justificativa ao ato seguinte:

Eu sou da polícia e estou aqui para te prender, você violou a lei. Não foi eu que fiz a lei, eu posso até discordar da lei, mas vou assegurá-la, nada o que você disser ou fizer vai me impedir de colocá-la numa jaula com barras de ferro. Se você fugir eu corro atrás; se me enfrentar, eu luto com você; se atirar em mim eu atiro de volta.

Taylor sabe que sua atividade policial representa o Estado, a figura da lei, devendo ser observada por todos. O policial, quando investido no cargo, passa a ser funcionário público, representando assim o Estado, denotando a necessidade no cumprimento das leis como guia para o cotidiano no trabalho.

“*Eu posso até discordar da lei, mas vou assegurá-la (...)*”, diz Taylor. Frequentemente, a polícia tem que defender leis impopulares e pelas quais muitos policiais sentem pouca simpatia. Mas, apesar da discordância da lei, o cumprimento a ela é feita devido à ordem burocrática, que se realiza por meio da cadeia de comando hierárquico da organização; e o princípio básico que torna isso possível é a obediência (BATITUCCI, 2011).

No entanto, a lei não é capaz de oferecer, unicamente, respostas satisfatórias a muitas das demandas de serviço, especialmente quando elas são voltadas para manutenção da ordem, ou seja, demandas direcionadas a

ocorrências sem um crime específico a ser sancionado, mas em que o trabalho do policial é fundamental para a manutenção da paz. Como alerta (PONCIONI, 2005), muitos estudos sociológicos de língua anglo-saxã revelam uma multiplicidade de tarefas exercidas no trabalho diário do policial que nem sempre estão relacionadas ao atendimento a problemas estritamente legais ou penais, revelando um cotidiano que tem pouco, ou quase nada, a ver com os aspectos propagados em torno da restrita idéia do trabalho policial vinculado apenas ao cumprimento da lei.

Em sequência à perseguição inicial, cujo desfecho foi um tiroteio entre a polícia e os bandidos, culminando com estes feridos, percebe-se a tradução do trabalho em esforço, disciplina e dedicação.

Todo o trajeto desta ação é acompanhado pela Central da Organização Policial, via rádio. Isto só é possível devido o acesso à tecnologia, especialmente voltada ao aumento da mobilidade, com a introdução do automóvel, e das comunicações, com a utilização do telefone e, posteriormente, do rádio. O uso intensivo da tecnologia, assim, é um dos elementos que estariam associados à construção histórica do ideal profissional das organizações policiais americanas.

Já alertava Batitucci (2011) que a introdução do automóvel e das comunicações teria mudado radicalmente a natureza do trabalho policial. Com relação ao automóvel destacam-se dois principais motivos: um, porque o automóvel substituiu a patrulha a pé, permitindo ao policial motorizado cumprir de forma mais rápida e eficiente uma rota equivalente à da carga de trabalho de vários policiais a pé. Dois, porque foi responsável por um grande impacto na relação do policial com o público, pois houve um se isolamento e distanciamento. Por sua vez, o rádio propiciou mobilização, supervisão e controle do trabalho do policial de linha de uma forma até então inédita, devido à comunicação imediata e em qualquer lugar. Da mesma forma o telefone, tornou possível aos cidadãos acessar a polícia a qualquer momento. Neste cenário, provavelmente o maior impacto da tecnologia tenha sido solidificar a

centralização burocrática do comando e do controle organizacionais na relação de trabalho policial (REISS JR, 2003).

Tão logo Taylor chega à repartição policial, após a perseguição mostrada na primeira cena, ele apresenta, na gravação que ele mesmo faz, os instrumentos de trabalho: “*Essa é a arma do departamento, uma Glock 19; tem a faca tática; essa paradinha pra quebrar janelas; e, é claro, as algemas; latinha de spray lace, spray de pimenta; dois pentes extra*”, demonstrando a necessidade de possuí-las para o desempenho de sua atividade. É preciso tê-los para o exercício do trabalho policial!

A cena imediatamente após, é uma clara demonstração de controles externo e interno da polícia. Em uma sala de reuniões com a presença de todos os policiais da repartição, inicialmente o capitão deseja bom retorno a Taylor e Zavala, após liberação deles pelo Ministério Público, por um tiroteio que os dois estiveram envolvidos, demonstrada na cena anterior, evidenciando o controle externo a que o trabalho policial se submete.

Um sargento distribui os policiais em áreas de atuação, evidenciando a divisão de trabalho existente. “*Cluster e Davison x25; Peterson e Washigton x41; Zavala e Taylor vocês ficam com x13; William e Choe x08; Alameda e Green x21; Wanraiser e Suck x04*”, divide o sargento. Cada dupla de policiais exerce sua função policial em uma área pré-determinada pelo superior hierárquico. O que significa que não importa se o trabalhador concorda ou não com aquela divisão, deverá ser cumprida, como demonstração de respeito à hierarquia no comando. Aliás, Zavala discordou da área estabelecida para ele e seu parceiro, alegando não se tratar de área da competência deles. É um retrato do policiamento especializado, com sua organização estrutural, derivada do modelo profissional-burocrático de policiamento.

Como bem observam Poncioni (2005) e Reiss Jr. (2003), alertando um dos principais elementos da tipologia weberiana, as burocracias policiais são hierarquicamente orientadas, com cadeia de comando definida, visando ao estabelecimento de relações entre uma autoridade instituída legitimamente e seus oficiais subordinados. Para cada posição na organização, há direitos e

deveres definidos e um salário fixo. A cena descrita anteriormente demonstra, portanto, o desenvolvimento de um sistema hierárquico de comando e controle.

Ainda nesta análise, sobre divisão de tarefas, em determinado momento do filme, a dupla de protagonistas está vistoriando um carro incendiado, quando é surpreendida com a chegada de dois policiais: *“Merda”, diz Zavala. “o que foi?”, pergunta Taylor? “São os detetives que estão cuidando do caso”, responde Zavala, revelando que o trabalho policial é especializado, de acordo com a distribuição estabelecida unilateralmente pelo superior hierárquico. Cenas mais tarde, Taylor, desejando investigar uma situação sinistra que descobriu sobre uma ocorrência, convida Zavala para a missão, mas este o repreende alertando que não podem fazer nada, pois não é de sua atribuição. Retruca Taylor sobre a pessoa que deseja investigar: “O promotor não pegou ele pelo tiro, só pelo porte de arma; a unidade de gangue disse que ia pegar, mas tá muito ocupada; e a narcótico não tá interessada porque não foi encontrado com drogas”. Neste diálogo, evidente a divisão de trabalho, de acordo com a situação especializada.*



Apesar das muitas diligências que estes policiais realizam nas ruas, também são muitas as cenas passadas no interior da viatura, nos inúmeros diálogos da dupla de policial. Em uma delas, enquanto rondam pelas ruas,

Zavala esclarece que na verdade foi a esposa quem decidiu o seu futuro policial: “*A gente vai se casar e você vai entrar pra polícia, porque só assim você vai ganhar dinheiro sem diploma*”.

Várias são as observações nesta fala. Primeiro, evidencia como o dinheiro era fundamental para que os dois pudessem ficar juntos, pois só assim conseguiriam manter uma vida a dois, de forma digna. Denota-se, assim, o reforço dos valores de sucesso individual através do trabalho. Segundo, porque fica claro que o ingresso de Zavala na polícia se deu não pelo desejo pessoal de combate ao crime e proteção da sociedade ou de orgulhar-se em pertencer à organização policial, mas porque precisava trabalhar para ganhar dinheiro, e a polícia era uma das profissões que ele poderia exercer sem que precisasse de diploma.

O que se percebe é que o motivo ensejador do ingresso na corporação policial mudou. Antes, se entrava na polícia e fazia desta função uma realidade para a vida inteira, realizando-a de forma plena e com orgulho. Hoje, a realidade de muitos dos policiais que ingressam na polícia é pela estabilidade profissional mais rápida e menor exigência de nível escolar, valendo-se apenas como ponte para algo que eles consideram mais rentável e menos estressante, que verdadeiramente é o que desejam mais adiante.

A propósito, ao se falar em ingresso na polícia, já no início do filme é mostrada uma policial novata na corporação, em que demonstra nervosismo e insegurança, sendo conduzida pelos policiais mais experientes. “Aonde você vai com essa arma novata”, grita uma policial experiente, enquanto a novata passa correndo por ela procurando a viatura que iria tomar. “*O que foi, tá com medo de quê?*”, pergunta outro policial. É o que Walker (1977) destaca como uma das dimensões para a construção de um *status* profissional: a autonomia profissional, que se adquire com a monopolização dada aos profissionais a responsabilidade de recrutar, treinar e supervisionar novos praticantes desse

conhecimento, manter padrões de atividade e desenvolver novos conhecimentos¹.

Sobre a policial novata, cenas depois, juntamente com o parceiro de viatura, é gravemente ferida por um criminoso, durante o exercício da função, o que a faz desistir da atividade policial. Quando os colegas de trabalho tomam conhecimento da desistência, uma policial, experiente, diz: “Ela sabe que não ia passar no probatório”, sugerindo na fala a incapacidade daquela novata vir a ser policial, com a firmeza que o cargo exige. Inclusive, contrapondo a afirmação da policial, outro policial pergunta: “Por que? Só porque não é filha de coronel?”. Ora, aqui fica clara a ideia que a polícia tem sobre a presença de parentes na relação de trabalho, e isso não foge à corporação policial, havendo a possibilidade de indicação de familiar para o exercício do cargo, pouco importando a sua competência ou conhecimento do cargo indicado.

No filme, chega a incomodar a variedade de ocorrências a que são submetidos os policiais, desde tentativa de agressão a carteiro por estar descontrolado até corpos esquartejados em residência. Isto denota a alta discricionariedade da atividade policial, sendo, muitas vezes, impossível ao policial agarrar-se à burocracia pura e à observância estrita da lei, exigida para solução dos conflitos.

Como bem salienta Poncioni (2005), embora a polícia seja formalmente organizada como uma burocracia, a maior parte de seu trabalho não segue ordens explicitamente definidas, mas apenas diretivas de serviço dado o caráter eminentemente reativo da atividade policial, em que a maioria dos fatos conhecidos pela polícia vem de chamadas de serviço. Nisto, a dificuldade de aplicação da atividade policial centrada unicamente na lei, como já dito anteriormente. A lei é apenas mais um meio de solução dos conflitos usados pelo policial de linha.

Em várias cenas de realização do trabalho policial, ficam evidentes os arranjos informais destinados a gerenciar incidentes e problemas de comportamento nas ruas, em que a aderência a procedimentos formalmente

¹ Outras duas dimensões citadas por Walker são o conhecimento profissional e um ideal de serviço.

estabelecidos se torna somenos. Como atestou Goldstein (1990, p.79), “(...) o aprendizado acontece no exercício da própria atividade”.

Na busca constante de profissionalizar a polícia, a burocracia se faz necessária e uma providência básica é a necessária documentação de tudo que ocorre. Na evolução do filme, aparece a dupla de protagonistas na repartição, preenchendo documentos, após mais uma atividade laborativa. Taylor chega a dizer: *“Isso aqui é o sangue da nossa organização”*, mostrando um documento que deve ser preenchido pelos policiais, após o encerramento de mais uma diligência. E continua: *“Papelada. Do mesmo jeito que os glóbulos vermelhos levam oxigênio ao corpo, a papelada leva informação ao departamento.”* Isso demonstra nitidamente o caráter burocrático da polícia, e a forma de controle a que estão subordinados.

No atendimento a mais uma diligência, os dois policiais avistam uma casa em chamas e partem em direção à verificação do local. Ao chegar, se deparam com uma mãe, do lado de fora da casa, desesperada para salvar os filhos que se encontram do lado de dentro da casa em chamas. Taylor e Zavala, embora já tenham pedido socorro de bombeiro, decidem entrar imediatamente no local retirada das crianças, e conseguem todos saírem ilesos da situação. Por este ato de heroísmo, recebem uma medalha de bravura da organização policial, numa cerimônia pomposa, retratando que um dos elementos necessários para se atingir o ideal profissional das organizações policiais é a meritocracia (BATITUCCI, 2011).

Em mais uma diligência, Taylor e Zavala são chamados a dar apoio à outra equipe de policiais – Wanraiser e a novata, já citada anteriormente. A cena mostra Wanraiser atingido por uma faca no olho esquerdo, após uma atividade policial. Ao perceber que seu uniforme fora cortado durante a ação, Wanraiser grita: *“Cortaram meu uniforme, cortaram meu uniforme. Meu Deus, mas que merda, cortaram meu uniforme!”*, lamentava o policial enquanto o colocavam na ambulância para socorro. Esta valorização do uniforme, declarada pelo policial na cena, é reflexo do movimento de reforma administrativa das organizações policiais, rumo à profissionalização policial.

Dentre a reforma, tem-se o “(...) o extremo cuidado com a imagem pública com a cobrança sistemática de disciplina corporal e uso adequado do uniforme” (BATITUCCI, 2011, p. 69).

Quando se analisa trabalho e relação de trabalho, não se pode deixar de observar a saúde física e mental desses trabalhadores, principalmente quando se fala do trabalho policial, em que é constantemente submetido à violência e ao perigo extremos. Em mais uma jornada de trabalho, no interior da viatura, Zavala reclama que está com muito sono aquela noite. Taylor, por sua vez, preocupado com a situação, oferece mais café ao parceiro, que retruca: “*Não quero, já tomei nove energéticos*”. É a demonstração da precarização do trabalho a que se refere Antunes (1999).

Denota-se nesta fala do policial a exploração da força de trabalho, cada vez mais existente. Como alerta Alves (2012, p. 05): “Na verdade, na medida em que as empresas “enxugam” o contingente de força de trabalho estável, incorporam (e ampliam, em termos relativos) o contingente de trabalhadores precários”.

A violência extremada é geralmente o cenário de atuação desses policiais. Ficar nervoso, triste, indignado, são sentimentos comuns para esta dupla, como no caso da ocorrência de crianças desaparecidas, em que Taylor constata que o pai das crianças as havia amarrado num quarto escuro. Logo em seguida a esta cena, aparece Taylor com olhos cheios de lágrimas e ar sofrido, revoltado com a situação que presenciara contra as crianças. Quer dizer, não apenas a saúde física como a mental fica extremamente prejudicada. Constata-se, assim, como é uma tarefa difícil manter certa distância dos fatos enfrentados com o seu eu, numa relação de trabalho, particularmente as presenciadas por profissões que se envolvem com o submundo da miséria e da criminalidade. É o que alerta Alves (2012, p. 5-6): “A precarização do trabalho na década de 2000, apesar da melhoria dos indicadores do mercado de trabalho a partir de 2003, tendeu a assumir novas formas com aquilo que denominamos “precarização do homem-que-trabalha”,

isto é, a corrosão da vida pessoal e da saúde do trabalhador – inclusivamente daqueles com estatuto salarial estável”.

Em mais uma jornada de trabalho, Zavala divaga, logo após saber que Taylor seria pai: “Não seria demais se nossos filhos fossem policiais também?”. *“Deus me livre, quero que meu filho tenha um emprego honesto, tipo um político”*, ironizando Taylor com um riso. Em verdade, Taylor e Zavala gostam muito da profissão, a exercem de forma honesta, mas deixa claro que não a consideram a melhor função a ser exercida pelo homem, seja pelo salário pouco atraente, seja pela falta de reconhecimento da atividade, seja pela convivência com o mundo da criminalidade, enfim.

Em um determinado momento do filme, apesar de serem as mais variadas ocorrências a que são submetidos, os policiais protagonistas começam a interferir sobremaneira nas condutas ilícitas da gangue mexicana, o que começou a incomodar de tal modo que a gangue resolve dar um fim a esta situação. Provocou uma emboscada, simulando suposto foragido, que, na verdade era para atrair os policiais para um local abandonado e lá serem atingidos. Ocorreu um intenso tiroteio. Passando quase imunes, os dois policiais, enquanto aguardam reforço, conseguem sair do conjunto; porém, como já havia integrante da gangue por toda a área, Taylor é atingido e fica desacordado. Enquanto Zavala lamenta pela eminente morte do amigo, é alvejado pelas costas com diversos tiros. Finalmente, o reforço policial chega e, em meio a uma troca de tiros, mata todos os membros da gangue que estavam na emboscada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “Marcados para morrer” retrata a rotina de trabalho dos policiais Taylor e Zavala, de forma singular. Isto porque a maior parte do filme é revelada pelas lentes da câmara de um dos protagonistas da trama. Este recurso, *handcam*, transmite uma realidade das cenas de forma assustadora, a pensar, em muitos momentos, que se trata de imagens reais, como a câmera

fora de foco, as muitas conversas triviais entre a dupla de policiais no interior do veículo, etc.

O trabalho desempenhado pelo policial de linha é desenvolvido em um complexo de situações variado, açambarcando as mais diversas situações a que estão envolvidos, tendo que resolver de delitos graves às ações “menos nobres”, revelando como uma de suas características fundamentais a discricionariedade. Esta variedade de situações impede que o policial se submeta, em sua plenitude, à ordem de comando e ao mandamento legal, tendo que resolver em muitos casos, de pronto a situação que se coloca no momento.

O trabalho demandado pelo policial, principalmente os de linha, exige, de um lado, sensibilidade para saber quando agir e como agir, e, de outro, força necessária para que seja reconhecido pela comunidade que serve. Logicamente, pelas situações extremadas e perigosas que têm que enfrentar, nem sempre é o que deveria ser.

Enfim, a atividade policial é imersa num mundo de criminalidade e desigualdade social, econômica e moral, situações mostradas no filme com uma realidade assustadora. Não é fácil conviver neste mundo! Os perigos são constantes, mesmo quando não estão em serviço. O prejuízo à saúde é enorme. Mas é preciso continuar na prevenção e repressão ao crime, sem, contudo, esquecer o que relata Taylor no início do filme: “(...) *Atrás do meu distintivo tem um coração como o seu. Eu penso, eu sinto, eu amo e também posso ser morto*”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovani. **Trabalho salarial no Brasil**. A morfologia social do Trabalho na década de 2000. Oficina do CES n. 381, Março de 2012.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 8.ed., Editora da Unicamp, 2002.



BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. **A polícia em transição:** o modelo profissional-burocrático de policiamento e hipóteses sobre os limites da profissionalização das polícias brasileiras. Dilemas: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social. V. 4, n. 1, p.65-96, jan/fev/mar 2011.

GOLDSTEIN, Herman. **Problem Oriented Policing.** Nova York, McGraw Hill, 1990.

PONCIONI, Paula. **O modelo profissional policial e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do Estado do Rio de Janeiro.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 20, n. 3, p. 585-610, 2005.

REISS JR., Albert. J. **Organização da polícia no século XX.** Série Polícia e Sociedade, São Paulo, n. 7, p. 65-114, 2003. Em: Policiamento moderno. | TONRY, Michael [e] MORRIS, Norval (Orgs.).

WALKER, Samuel. **A Critical History of Police Reform.** Lexington, Books, 1977.

Kelly Serejo Fonseca

Professora universitária da Faculdade Estácio do Pará. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos da Universidade Federal do Pará

Edson Marcos Leal Soares Ramos

Dr. Em Engenharia de Produção, Professor do Programa de Pós-Graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos da Universidade Federal do Pará